

# *Factum e fictum*: sobre a construção de mundos possíveis

Hugo Mari\*

## Resumo

O presente texto avalia alguns aspectos de manifestação das emoções na linguagem, a partir de dois processos de construção de narrativas: o primeiro parâmetro está centrado no contraste entre *factum* e *fictum* e o segundo, no contraste entre mundo possível e mundo vivido, destacando-se as modalizações *de dicto* e *de re* no interior desses mundos. A título de ilustração, o texto incorpora exemplos dos contos “Famigerado” e “Desenredo”, de Guimarães Rosa.

Palavras-chave: Emoção; *Factum*; *Fictum*; Linguagem; Mundo possível.

## LINGUAGEM E EMOÇÃO

**A** lingüística moderna nunca alijou a emoção das suas reflexões mais imediatas, embora o núcleo central de sua construção tenha sido o de uma razão positiva, aquela que nos permitiria chegar a padrões de regras, à formalização de princípios e à elaboração de algoritmos. A relação linguagem e emoção sempre teve vida útil no capítulo das funções da linguagem, explorada por uma disciplina como a Estilística e centrada em algumas dimensões específicas do funcionamento da língua. Por exemplo, Bühler e Jakobson, ao desenvolverem as funções da linguagem, sempre destacaram aquilo que seria uma dimensão própria do funcionamento da língua a que deveríamos considerar como manifestação da emoção; algo que poderia se fazer tão disseminado pelos diversos arranjos da linguagem, como também particularizado em formas lingüísticas específicas. Vejamos uma citação de Jakobson:

---

\* Professor do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

**Referências**

- ARAUJO, Heloisa Vilhena de. **A raiz da alma**. São Paulo: Edusp, 1992.
- ARAUJO, Heloisa Vilhena de. **O roteiro de Deus**. São Paulo: Siciliano/Mandarim, 1996.
- CALVINO, Italo. **Perché leggere i classici**. Milano: Mondadori, 1995.
- GUIMARÃES ROSA, João. **Buriti**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969b.
- GUIMARÃES ROSA, João. **Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri**. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.
- GUIMARÃES ROSA, João. **Manuelzão e Miguilim**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- GUIMARÃES ROSA, João. **No Urubuquaqua, no Pinhém**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1969.
- GUIMARÃES ROSA, João. **Primeiras estórias**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- GUIMARÃES ROSA, João. **Sagarana**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. "Do Mutum ao Buriti Bom: travessia de Miguilim". Comunicação apresentado na XII Semana Roseana (Cordisburgo, 3-9 de julho de 2000).
- NEZAMI. **Le sette principesse**. Milano: Rizzoli, 1996.
- SPERBER, Suzi Frankl. **Caos e cosmos**. Leituras de Guimarães Rosa. São Paulo: Duas Cidades, 1976.



# *Factum e fictum*: sobre a construção de mundos possíveis

Hugo Mari\*

## Resumo

O presente texto avalia alguns aspectos de manifestação das emoções na linguagem, a partir de dois processos de construção de narrativas: o primeiro parâmetro está centrado no contraste entre *factum* e *fictum* e o segundo, no contraste entre mundo possível e mundo vivido, destacando-se as modalizações *de dicto* e *de re* no interior desses mundos. A título de ilustração, o texto incorpora exemplos dos contos “Famigerado” e “Desenredo”, de Guimarães Rosa.

Palavras-chave: Emoção; *Factum*; *Fictum*; Linguagem; Mundo possível.

## LINGUAGEM E EMOÇÃO

A lingüística moderna nunca alijou a emoção das suas reflexões mais imediatas, embora o núcleo central de sua construção tenha sido o de uma razão positiva, aquela que nos permitiria chegar a padrões de regras, à formalização de princípios e à elaboração de algoritmos. A relação linguagem e emoção sempre teve vida útil no capítulo das funções da linguagem, explorada por uma disciplina como a Estilística e centrada em algumas dimensões específicas do funcionamento da língua. Por exemplo, Bühler e Jakobson, ao desenvolverem as funções da linguagem, sempre destacaram aquilo que seria uma dimensão própria do funcionamento da língua a que deveríamos considerar como manifestação da emoção; algo que poderia se fazer tão disseminado pelos diversos arranjos da linguagem, como também particularizado em formas lingüísticas específicas. Vejamos uma citação de Jakobson:

---

\* Professor do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

La fonction dite “expressive” ou émotive, centrée sur le destinataire, vise à une expression directe de l’attitude du sujet à l’égard de ce dont il parle. Elle tend à donner l’impression d’une certaine émotion, vraie ou feinte. (...) La couche purement émotive, dans la langue, est présentée par les interjections... La fonction émotive, patente dans les interjections, colore à quelque degrés tous nos propos, aux niveaux phonique, grammatical et lexical.<sup>1</sup> (JAKOBSON, 1963, p. 214-215)

A citação anterior é um resumo denso das questões que colocaram a lingüística moderna nos trilhos da emoção. Os ingredientes mais promissores para uma discussão já estavam postos, quando se destaca a orientação para o alocutário, a atitude do locutor frente a um estado de coisas e a sua disseminação pelos diversos planos da manifestação lingüística (fônico, gramatical e lexical). Entretanto, caberia aqui, em termos da nossa proposta de análise, discordar do papel de destaque atribuído às interjeições como camada puramente emotiva da língua. Estamos acordados com o autor sobre esse valor conferido às interjeições,<sup>2</sup> mas a nossa percepção sobre a presença da emoção, enquanto manifestação de linguagem, desloca-a de um registro local em termos de classes de palavras, para situá-la como manifestação disseminada por toda a rede de signos. Desse modo, se vamos assumir uma reinserção decisiva das emoções no quadro da análise das práticas de linguagem, precisamos de outros padrões que sejam compatíveis com essa visão interativa.

Na seqüência desse texto, gostaríamos de ampliar o fórum de discussão das (nossas) emoções, embalados pela visão interativa das práticas de linguagem e a partir de dois aspectos pontuais. O primeiro refere-se à correlação entre duas instâncias de referenciação a do *factum* e a do *fictum*; o segundo recorta a construção de mundos possíveis.

### FACTUM E FICTUM

*Factum* e *fictum*,<sup>3</sup> os termos iniciais dessa reflexão, se aproximam, em linhas gerais, pela sua natureza semântico-gramatical – ambos são participios, adjetivos

<sup>1</sup> A função dita “expressiva” ou emotiva, centrada sobre o destinatário, visa a uma expressão direta da atitude do sujeito em relação àquilo de ele fala. Essa atitude tende a dar a impressão de uma certa emoção, verdadeira ou dissimulada. [...] A camada puramente emotiva, na língua é representada pelas interjeições... A função emotiva, evidente nas interjeições, colore, em algum grau, todos nossos propósitos, no nível fônico, gramatical e lexical. (tradução livre).

<sup>2</sup> Segundo Brødal (1948, p. 29) a tradição gramatical grega procurou isolar as interjeições das classes de palavras, por considerá-las desprovidas de qualquer papel na estruturação do *logos*, isto é, por não fazerem parte da estrutura lógica da proposição, como expressão lingüística do *logos*.

<sup>3</sup> *Factus*, *a*, *um*, adj., part. Cic. feito, obrado... (*fācio*, *facĕre*: fazer, executar...); *Fictus*, *a*, *um*, adj., part. Cic. formado, feito. Cic. fingido, falso, contrafeito, dissimulado, disfarçado (*finġo*, *finġĕre*: formar, fazer obra de barro ou de cera...) (SOUZA, 1984, p. 366-367; 377, 379).

e expressam algo feito, realizado –, mas se distanciam por seu valor pragmático – *factum* refere-se a um feito, quando resultado de uma ação direta sobre as coisas do mundo; *fictum* pode traduzir os mesmos feitos, quando projetados a partir da representação, da imaginação e, por extensão, institui algo fingido, dissimulado e, por vezes, falso. As conseqüências que apuramos dessa distinção inicial é que *factum* expressa o domínio da razão, o rigor da lei, e da verdade admitida – ou do rompimento da verdade quando instalamos a mentira; *fictum* desgarra-se dos rigores restritivos da lei e está associado à invenção, à imaginação, mas também ao fingimento. Seria de se esperar, portanto, que a este último viéssemos a atrelar a manifestação das nossas emoções, resguardando para o *factum* os rigores da razão.

Os dois participios latinos balizam, de algum modo, o início da nossa discussão, mas ainda estão longe de representar um divisor de águas para qualquer pretensão que viermos esboçar como domínio da razão em contraposição ao domínio da emoção. As semelhanças entre ambos os termos acabam por pressionar em favor de uma indistinção: o que se faz em nome do *fictum* não difere, essencialmente, daquilo que se faz em nome do *factum*. Os episódios fingidos na ficção não diferem daqueles vividos na vida: nenhuma ficção nunca nos impôs um sentimento que não conhecêssemos. Os dois campos se misturam em nossos afazeres diários, pois, através da linguagem, concebemos ao *fictum* os mesmos padrões de realismo que concebemos ao *factum*. Embora cultuemos a necessidade de reconhecer diferenças entre aquilo que se caracteriza pela sensação experimental dos acontecimentos históricos, naturais, pelo domínio dos objetos vividos, em contraposição a tudo o que se evidencia pela sensação de plausibilidade dos fatos narrados, dos objetos construídos, dos sentimentos predicados, não dispomos, para muitas circunstâncias, de critérios unívocos para distinguir o que são os feitos no domínio do vivido e quais pertencem ao domínio do imaginado. É possível que o ofuscamento das fronteiras entre os dois territórios não resulte apenas de buscarmos uma expressão racional – sem equivalência – para os dois domínios, evidentemente; é possível que ele resulte também da nossa impossibilidade de barrar as emoções no primeiro domínio e a necessidade de fazê-la emergir no segundo.

Razão e emoção, portanto, se misturam quando elegemos essas duas categorias para dizer dos feitos do homem. Não é claro que devemos considerar o que se produz nas vizinhanças do *fictum* como algo menor, por escapar dos rigores da lei: o seu território é tão mais importante quanto o do *factum*. A emoção pode estar numa promessa que racionalmente construímos, em um depoimento que sinceramente prestamos e em muitos outros momentos de nosso mundo vivido; mas ela se faz sempre presente no mundo que Rosa desenha para os seus personagens. O que devemos esperar do personagem Damázio, em “Famigerado”, que

aturdido pelos sentidos, propõe a questão: “— Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é fasmisgerado... faz-me-gerado... falmisgeraldo... famílias-gerado...?” (ROSA, 1994, p. 394).

É claro que as etapas de desconstrução e de reconstrução do signo poderiam se estender a outras formas, com base em um exercício de pura razão, ao reaplicar continuamente: (a) recursos de alteração silábica – **fa** > **fas**; **mi** > **mis**; (b) de conversão morfológica – **fas** > **faz**; **mis** > **me**; (c) de conversão sintática – **fami-gerado** > **faz-me-gerado**; (d) de conversão em nome próprio – **gerado** > **geraldo**; (e) de derivação popular – **falmis** > **falmias** > **famílias**, sem que uma certa feição natural que a língua comporta em diversos planos tenha sido desfeita. Ao buscar, entretanto, novas possibilidades de reescritas de **famigerado**, estamos cumprindo mais do que um exercício de lógica, guiado por princípios gramaticais. Enquanto uma lógica da língua, a explicação para os fatos contidos no texto teria seguido parâmetros próximos aos que apontamos acima; enquanto emoção na língua não temos nenhuma garantia dessa proximidade. O que nos permite pensar o **faz-me-gerado**, o **geraldo** e as **famílias**, senão o desejo, a emoção que nos faz alcançar efeitos de sentido que esses novos elementos estariam aptos a produzir? Quantas interpretações já não foram dadas para a pergunta do personagem? Quantas explorações do universo de tensão de Guimarães Rosa já não foram produzidas a partir desse trecho?

Por mais que justifiquemos a correlação entre as formas lingüísticas por um tipo de operação, essa correlação estará longe de captar a dúvida existencial de Damázio, as supostas desconfianças geradas pelo funcionário do governo, quando lhe atribui o epíteto de **famigerado**. A seqüência **gerado** > **geraldo** > **famílias** deve ser justificada para além de uma regra que o personagem seguiu, mas como um enigma associado às emoções de quem viveu o diferente, ao experimentar representações para o desconhecido. São essas representações, nem sempre esclarecidas no texto, mas marcadas pela desconfiança de Damázio – “Agora, se me faz mercê, vosmecê me fale, no pau da peroba...”; “Vosmecê garante, pra a paz das mães, mão na Escritura?” (ROSA, 1994, p. 395) –, que movem o seu desafio em busca de um sentido que estivesse mais próximo do vivido – “Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de um dia-de-semana?” (ROSA, 1994, p. 395). É, certamente, com essa linguagem de dia-de-semana (e não com a de domingo) que estamos mais perto de traduzir a verdadeira emoção, os desafios de Damázio. Assim, o que aventamos explorar, quando formulamos as questões acima, é algo que transcende a lógica da língua (aqui em parte subvertida) e que recai sobre a natureza das emoções. Vejamos um outro momento do texto em torno da busca de representação para **famigerado**:

- Famigerado é inóxico, é “célebre”, “notório”, “notável”...
- Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa? (ROSA, 1994, p. 395)

É evidente que se a primeira seqüência lexical – **inóxico, célebre, notório e notável** – possa se fazer representar como algo decorrente da lei, algo que a língua consagra em sua organização. A intervenção reativa na fala de Damázio reproduz uma outra seqüência – **desaforado, caçoável, de arrenegar, farsância** – que parece expor não mais dúvidas conceituais sobre o léxico, mas a emoção de quem experimentou **famigerado** em circunstâncias de uso específico, isto é, em uma forma de vida singular, quando interage com o funcionário do Governo. O personagem não está em busca apenas de um significado lexical isento das emoções que parece ter experimentado. Suas desconfianças, já registradas acima, se confirmam nessa nova seqüência que propõe, pois é ela que pode traduzir uma forma de vivido para além da língua que ele procurou sintetizar com esse efeito – “**Nome de ofensa?**”. Essa última expressão parece decretar que a emoção não está contida nos itens que o narrador sugere a Damázio, mas precisamente naquilo que se experimentou ao ser chamado de famigerado. Essa busca somente se satisfaz com um testemunho complementar do narrador:

- Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado – bem famigerado, o mais que pudesse!...
- “Ah, bem!...” – soltou, exultante. (ROSA, 1994, p. 395)

Enfim, julgamos sensatos admitir que *factum* e *fictum* se tornem indiscerníveis, enquanto percepção racional de um usuário ou enquanto projeção de suas emoções. Todavia, estamos sempre de posse dos padrões que julgamos racionais, para descobrir as emoções que povoam o *fictum*, ou mesmo o *factum*. Talvez seja esse o motivo primeiro de ver em razão e emoção uma forma de complementação necessária, que a própria linguagem se incumbe de disseminar. É assim, por exemplo, que agimos com os paradoxos que parecem naturais em nossa existência, mas que estamos aptos a corrigir ou a detectar pelas leis da razão. Na seqüência vamos avaliar uma outra categoria conexas aos fatos aqui descritos, – mundo possível – e importante para nossa discussão

## AS EMOÇÕES E OS MUNDOS POSSÍVEIS

Não existe uma identificação clara do que seja o alcance conceitual de um mundo possível, mesmo para aqueles que o tomam como um conceito funda-

mental. A impressão que nos vem de imediato é que um mundo possível não existe, mas que se faz existir como produto da nossa razão, da nossa imaginação. Susan Haack (HAACK, 2002, p. 254) aponta três concepções diferentes:

- (i) a abordagem lingüística, que interpreta o discurso sobre mundos possíveis como um discurso sobre conjuntos maximalmente consistentes de sentenças (por exemplo, HINTIKKA, 1969), no qual a consistência poderia ser compreendida sintática ou semanticamente;
- (ii) a abordagem conceitualista, que interpreta o discurso sobre mundos possíveis como um discurso sobre as maneiras pelas quais poderíamos conceber o mundo de forma diferente (ver KRIPKE, 1972);
- (iii) a abordagem realista, que aceita o discurso sobre mundos possíveis em seu valor ostensivo, como um discurso sobre entidades reais, abstratas, inteiramente independentes de nossa linguagem ou pensamento. (ver D. K. LEWIS, 1973, cap. 4)

As duas primeiras abordagens evidenciam mais aproximações do que diferenças: um conjunto de sentenças a que pudermos imputar o caráter de sintática e semanticamente consistentes não deixa de ser uma forma de como pensar o mundo diferentemente, se a esse conjunto pudermos atribuir índices diferentes. E atribuir índices diferentes a conjuntos de objetos não nos parece ser algo estranho à lógica dos mundos possíveis. É por razões dessa natureza que Harrison vai tratar um mundo possível como:

There are two theories about the nature of possible worlds. According to one, the possible-world language is just an enlightening way of talking. According to the other there is a way in which possible worlds are just as “real” as this one.<sup>4</sup> (HARRISON, 1999, p. 5)

Para o autor, o que conta na concepção de um mundo possível pode ser definido a partir dos dois padrões indicados: trata-se apenas uma forma consistente de dizer as coisas e o que conta, na sua construção, são as formas lingüísticas usadas para referir seus objetos (fusão das versões de Hintikka e Kripke, citadas por Haack); para outros ele é tão real quanto outro qualquer e constitui apenas uma versão diversa do mundo que experimentamos (versão de Lewis). As duas versões enfatizam aspectos diferentes da construção de um mundo possível: na primeira apenas nos apropriamos das condições que a linguagem nos oferece para erigir muitas outras dimensões do vivido, um vivido que não vivemos, que não sentimos e que não experimentamos, mas que julgamos factíveis por acessá-lo

<sup>4</sup> Existem duas teorias sobre a natureza dos mundos possíveis. De acordo com uma delas, a linguagem de um mundo possível é exatamente uma forma esclarecida de dizer (as coisas). De acordo com a outra, há uma forma na qual os mundos possíveis são tão “reais” quanto o presente. (Tradução livre).

com nossa imaginação e, partir daí, poder vivê-lo, senti-lo e experimentá-lo. A segunda dimensão apregoa apenas uma forma diferenciada do vivido: aqui podemos sentir melhor outras faces dos objetos, podemos experimentá-los de um modo que ainda não o fizemos, podemos vê-los em outras dimensões ainda não vivenciadas. Em resumo, um mundo possível quando contrastado com o mundo vivido pode ser admitido como um conjunto de índices para os objetos que conhecemos, ou como uma nova forma de experimentar esses objetos.

Muitos conceitos adicionais foram associados ao domínio de um mundo possível, sem que isso tenha privilegiado qualquer uma das abordagens. Por exemplo, formas diversas de modalização aparecem quase sempre associadas à sua concepção, muitas das quais visando à regulação da existência de objetos nesses mundos. Diz-se, por exemplo, que um objeto é *necessário* se ele existe ou se é verdadeiro em todos os mundos possíveis; da mesma forma, um dado objeto é *possível* se ele vier a existir ou for verdadeiro em pelo menos um mundo possível.

Para a presente discussão, entretanto, interessa-nos, de modo mais direto, um outro tipo de modalização que aparece associado aos mundos possíveis, isto é, as modalidades *de re* – resumidamente, aquelas que referenciam objetos – e *de dicto* – aquelas que constroem representações sobre objetos –, pois é delas que podemos extrair dimensões mais significativas para os objetivos dessa reflexão. Não existe uma partição simétrica a ser atribuída a essas modalizações em relação a uma tipologia dos mundos possíveis. Elas transcendem os mundos e, ao fazê-lo, não se tornam atividades prioritárias da razão nem manifestação singular das emoções. É evidente, todavia, que para um mundo possível dominado pelo *fictum* as modalidades *de dicto* devem prevalecer. Se elas prevalecem e se nesse mundo somos capazes de detectar a existência de objetos é porque o *de dicto* é convertido em *de re* e é possível que a *res* se faça representar pelas emoções que ali experimentamos.

Ao menos pelo destaque que podemos fazer à modalização *de dicto*, ao tratarmos dos mundos possíveis, não podemos excluir as emoções por serem elas parte essencial da nossa experiência no mundo vivido e pelo fato de se constituírem em análogos necessários para a construção de outros mundos. Um mundo possível, na dimensão do *fictum*, é também um mundo que se movimenta pela emoção, não havendo, pois, razões para a sua exclusão. É assim, por exemplo, que vemos a construção de um mundo que se faz presente no conto “Desenredo”.

Inútil seria tentar recontá-lo aqui, mas gostaríamos de mostrá-lo, enquanto texto que constitui um exercício de criação de um mundo possível: um mundo que traça o caminho lógico do amor, da traição, da vingança, do perdão, da reconciliação, da dor, da morte mas que se desfaz dessa lógica, em muitos momentos, pelos paradoxos – “o que fora tão claro como água suja” (ROSA, 1994,

p. 557) –, pelas antinomias – “De sofrer e amar, a gente não se desfaz” (ROSA, 1994, p. 556) –, pelo aleatório – “Aliás, casada” (ROSA, 1994, p. 555).

O título já parece estampar essa duplicidade que viola a lógica de um mundo possível: **desenredo**, ao mesmo tempo que aponta o desenlace do drama vivido pelos personagens, também nega – **des-enredo** – um fluxo de acontecimentos com enredo previsível – “Apanhara o marido a mulher: com outro, um terceiro” –. A narrativa contém, por isso mesmo, uma conta de desrazão, ingrediente que se torna importante para romper a frieza lógica de um mundo possível e nele fazer valer as emoções. Jó Joaquim encarna esse dualismo necessário à vida, pois ele tem uma camada de Joaquim que experimenta as vicissitudes regadas a emoção – “... derrubadamente surpreso, no absurdo desistia de crer, e foi para o decúbito dorsal, por dores, frios, calores quiçá lágrimas, devolvido ao barro, entre o inefável e o infando” (ROSA, 1994, p. 555); mas materializa os pendores bíblicos da paciência e da resignação de um Jó – “Esperar é reconhecer-se incompleto” (ROSA, 1994, p. 555), “Ele exercitava-se a agüentar-se, nas defeituosas emoções” (ROSA, 1994, p. 556), “Entregou-se a remir, redimir a mulher, à conta inteira...” (ROSA, 1994, p. 556). O que é possível no mundo do Jó Joaquim não o é em nome da razão, de índices apenas, mas transpassa o seu corpo em nome da **dor**, do **frio**, do **calor** e das **lágrimas**; é aqui que alcançamos as emoções, por mais **defeituosas** que sejam.

O conto mostra ainda muitos dos ingredientes para a construção de um mundo possível, mas também dos ajustes desse mundo às (nossas) emoções. A personagem feminina, por exemplo, recebe índices diferentes – Lívia, Rivília ou Ir-lívia; Vilíria –, cada um valendo como identidade própria, como índice de comportamento em diversos momentos da narrativa – “Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão” (ROSA, 1994, p. 555); “... sempre ao máximo mais formosa já sarada e sã” (ROSA, 1994, p. 556); “ela sutil como colher de chá, grude de engodos, o firme fascínio” (ROSA, 1994, p. 556), “... com dengos e fofos de bandeira ao vento” (ROSA, 1994, p. 557). *De dicto* e *de re* se misturam na descrição da personagem: para cada representação possível que se constrói para ela – “olhos de viva mosca”, “grude de engodos” etc. – somos capazes de alcançar uma dimensão *de re* que naturalizamos como dimensão do vivido.

Essa alternância entre o *de re* e o *de dicto* estende-se a muitas outras circunstâncias do texto em questão. Quando o mundo é narrativa não se conhecem limites temporais para ele: por ser “infinitamente maio” (ROSA, 1994, p. 555), Jó Joaquim “pegou o amor” (ROSA, 1994, p. 555); mas quando esse amor assume o modo *de re* de um “clandestino amor em sua forma local” (ROSA, 1994, p. 555) o mundo se torna mundo (“o mundo é mundo”). Jó Joaquim era um “ufanático” de “convicção manifesta”, vasculhava suas crenças, enquanto “operava o passado

– plástico e contraditório rascunho” (ROSA, 1994, p. 557), na busca de condições *de dicto* para criar “nova, transformada realidade, mais alta. Mais certa?” (ROSA, 1994, p. 557). E para que esse mundo possível ao final da narrativa? É nele que o personagem espera que “Haja o absoluto amar – e qualquer causa se irrefuta” (ROSA, 1994, p. 557).

## OBSERVAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa discussão, procuramos discutir correlações como *factum* e *fictum*, mundo vivido, mundo possível (*de re* e *de dicto*) como dimensões que permeiam todas as nossas narrativas, isto é, a nossa atividade com a linguagem. Para essas dimensões do narrado, procuramos avaliar as circunstâncias que as tornam um produto da razão, ao mesmo tempo que um escoadouro das emoções. É difícil supor que alguma forma de narrativa deixe escapar o conflito entre razão e emoção, possibilidade e impossibilidade, necessidade e singularidade, *de dicto* e *de re*. O narrar é um pedaço da nossa existência que contém, de forma natural, todos esses ingredientes. É por essa razão que veríamos nas categorias aqui relacionadas um espaço de discussão para as formas de vida que estão materializadas nos personagens de Rosa, como de resto em outras narrativas.

Por último, retomo a fala do narrador em “Desenredo”, quando discorre sobre a reconciliação de Jó Joaquim com sua amante. Estamos diante de um exercício de lógica, com certeza, mas uma lógica das emoções, aquela que deveremos usar como critério para povoar muitos mundos possíveis.

Cumpria-lhe descaluniá-la, obrigava-se por tudo. Trouxe à boca-de-cena do mundo, de caso raso, o que fora tão claro como água suja. Demonstrando-o, amatermático, contrário ao público pensamento e à lógica, desde que Aristóteles a fundou. O que não era tão fácil como refritar almôndegas. Sem malícia, com paciência, sem insistência, principalmente. (ROSA, 1994, p. 557)

## Abstract

Two aspects of the construction of emotion in language are evaluated in this text. The first one concerns with the difference between *factum* and *fictum* and the other is concerned with the conditions to build possible worlds. In the latter, we analyze the importance of *de dicto* and *de re* logical modalities. We discuss these topics using some examples from “Famigerado” and “Desenredo” by Guimarães Rosa.

Key words: Emotion; Language; Factum; Fictum; Possible world.

## Referências

- BRØDAL, V. *Les parties du discours*. Copenhague: Muskgard, 1948.
- HAACK, S. *Filosofia das lógicas*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- HARRISON, J. The impossibility of 'possible' worlds. *The Journal of the Royal Institute of Philosophy*. Cambridge, n. 74, p. 5-29, 1999.
- HINTIKKA, Jaakko. Les intentions de l'intentionnalité. In: *L'intentionnalité et les mondes possibles*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1984. p. 143-179.
- JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale*. Paris: Minuit, 1963.
- ROSA, João Guimarães. Desenredo. In: *Tutaméia*. Ficção completa. v. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 555-557.
- ROSA, João Guimarães. Famigerado. In: *Primeiras estórias*. Ficção completa. v. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 393-396.
- SOUZA, F. A. de. *Novo dicionário latino-português*. Porto: Lello & Irmão, 1984.

